

Espaços percebidos: trajetos e imagens da cidade de Juiz de Fora – MG

Perceived Spaces: routes and images of the city of Juiz de Fora – MG

Espacios Percibidos: rutas e imágenes de la ciudad de Juiz de Fora – MG

Gustavo Amaral Barbosa – gusamaralbarbosa@gmail.com
Mestre pela Universidade Federal de Juiz de Fora
Orcid : <https://orcid.org/0000-0003-2653-1857>

Wagner Barbosa Batella – wagner.batella@ufjf.br
Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora
Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-3632-9639>

Resumo

Esse trabalho busca apresentar a cidade de Juiz de Fora por meio de diferentes linguagens geográficas e urbanas, buscando o estudo da cidade a partir do pluralismo e da subjetividade teórica e metodológica. As linguagens utilizadas na análise passam pela experiência, pelos trajetos e pelas imagens adquiridas por meio da vivência com o espaço urbano. A cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona da Mata Mineira, apresenta uma rica formação histórico-geográfica e contém muitas histórias que possibilitam profundas e afetuosas investigação sobre ela. Ao abordar essa perspectiva de análise, as cidades passam a ser compreendidas a partir daquilo que ela proporciona e a partir daqueles que a experimentam cotidianamente.

Palavras-chave: Cidade de Juiz de Fora; Diferentes Linguagens; Experiência; trajetos e imagens.

Abstract

This paper aims to present the city of Juiz de Fora through different geographic and urban languages, seeking to study the city from the perspective of pluralism and theoretical and methodological subjectivity. The languages used in the analysis involve experiences, paths and images acquired throughout life in the urban space. The city of Juiz de Fora, located in the Zona da Mata Mineira, has a rich historical and geographic heritage and holds many stories that allow for in-depth and affectionate research. By approaching this analytical perspective, cities come to be understood by what they offer and by the people who live in them daily.

Key words: City of Juiz de Fora; Other forms of expression; Experience; Routes and Images.

Resumen

Este trabajo busca presentar la ciudad de Juiz de Fora a través de diferentes lenguajes geográficos y urbanos, buscando estudiar la ciudad desde la perspectiva del pluralismo y de la subjetividad teórica y metodológica. Los lenguajes utilizados en el análisis involucran experiencias, recorridos e imágenes adquiridos a lo largo de la vida en el espacio

urbano. La ciudad de Juiz de Fora, situada en la Zona da Mata Mineira, tiene un rico patrimonio histórico y geográfico y guarda muchas historias que permiten una investigación profunda y afectuosa. Al abordar esta perspectiva analítica, las ciudades comienzan a entenderse por lo que ofrecen y por la gente que las habita diariamente.

Palavras-chave: Ciudad de Juiz de Fora; distintas formas de expresión; Experiencia; rutas e imágenes.

Recebido em: 25/05/2025

Aceito: 13/06/2025

Publicado: 01/07/2025

Introdução

Ao estudar a cidade, há muitas possibilidades de abordagens teóricas e metodológicas sobre essa temática tão cara aos estudos geográficos. Existem caminhos que levam para as análises das formas urbanas, outros que vão ao encontro de discussões sobre as articulações entre estruturas internas e relações externas da cidade, ou até caminhos que direcionam um olhar crítico para as formações e aglomerados urbanos. Porém, para além dessas abordagens, há caminhos que são trilhados por outras vias, por meio de outras linguagens.

A cidade, por meio da análise geográfica, deve ser entendida como um objeto de estudo que possibilita análises e investigações a partir de linguagens horizontais e plurais. Essas linguagens podem se territorializar enquanto pensamento e se expressar de diferentes maneiras, seja visual, sonora, fotográfica, gestual, cartográfica ou até simbolicamente (Santos, 2007).

As cidades, tais como as paisagens de forma geral, estão profundamente associadas ao equipamento visual. Tal fato, faz com que os estudos relacionados a essa temática sejam trabalhados por meio das imagens, pois elas participam de forma direta na construção do pensamento geográfico, tornando-se grandes instrumentos de pesquisa e descoberta (Gomes; Berdoulay, 2018).

Muitos estudiosos têm se interessado pelas representações mentais e, assim, recorrendo às imagens como fontes de informação. A Geografia interpretativa tornou-se muito relevante ao demonstrar como a sensibilidade e a percepção influenciam na criação de imagens, além de desempenharem um papel crucial na avaliação de paisagens e lugares, tornando-se, portanto, valiosos temas de investigação (Gomes; Berdoulay, 2018).

Um outro tipo de linguagem, fundamental para os estudos urbanos, diz respeito às experiências, àquelas pré-científicas (Nogueira, 2020), de quem vive, percebe e constrói os lugares. Essas experiências são repletas de intersubjetividade, entre os homens, mulheres e a Terra (Dardel, 2015). Os estudos baseados nas experiências tornam possível a descrição dos lugares vividos a partir daqueles que o vivenciam.

Pensar a cidade na dimensão humana, como um lugar-espço vivido, é pensá-la a partir da relação entre o cidadão e o mundo, através de uma relação intersubjetiva. A cidade como extensão da existência humana é construída a partir de uma relação de afetividade e de identidade (Tuan, 1980). Ela pode ser habitada por milhares de pessoas, mas cada um detém e constrói sua experiência, “o conhecimento de uma cidade varia muito de uma pessoa para outra. A maioria das pessoas são capazes de indicar pelo nome os dois extremos da escala urbana, a cidade como um todo e a rua onde moram” (Tuan, 1980, p.222).

A cidade passa a ser conhecida e percebida através de suas paisagens, podendo ser vivenciada pela moradia, pelo trabalho, pelas amizades, pelo lazer, pelos mistérios, pelos lugares, pela cultura, religião etc. (Nogueira, 2020). Essa compreensão do espaço urbano por aqueles que o habitam, por meio de sua maneira de viver, de pensar e de sentir, é consolidada pelas práticas do dia a dia, fazendo necessário conhecer e analisar o cotidiano das pessoas, pois eles fazem parte da paisagem urbana. Afinal, esta paisagem a que nos referimos é, antes de tudo, uma experiência (Besse, 2014).

O cotidiano urbano mencionado acima pode se subordinar às relações e velocidades do mundo moderno, às homogeneizações dos hábitos, das práticas e dos comportamentos, o que faz levar a uma cidade intimista, a uma cidade sem trocas. Porém, ele pode ser visto de outra maneira, de uma forma mais otimista, pois “antes de ser algo programado, sempre reserva aquele quinhão de imprevisibilidade capaz de aborrecer os analistas mais perspicazes” (Arrais, 2017, p.150).

Assim, percebemos que as relações cotidianas nos ajudam a conhecer a cidade, sendo elas programadas ou carregadas de imprevisibilidade. Para que essas relações se construam no dia a dia, devemos pensar nas pessoas e nos espaços, permitindo-nos abordar uma outra linguagem: os trajetos. Ligado profundamente às experiências urbanas — também às imagens, os trajetos são responsáveis pelas conexões entre os lugares da cidade, conectam as ruas, as casas, as vielas e, principalmente, as pessoas. Mas, ao mesmo tempo que conectam, podem separar, enfatizar as distâncias, tornar dolorosa a caminhada.

Do ponto de vista metodológico, este trabalho se pauta na perspectiva da experiência, com foco na descrição e análise das percepções e vivências urbanas. Utilizou-se fontes diversas do conhecimento, seja por meio da literatura, com a presença de relatos históricos e poesias, ou por meio de pinturas e fotografias. Essa pesquisa está inserida em um trabalho de mestrado, onde foram feitas algumas visitas de campo por meio de um roteiro baseado no olhar e na experiência dos autores com Juiz de Fora. Através das idas e vindas pela cidade, passando por feiras urbanas, exposições, ruas, avenidas e pontos turísticos, utilizando-se de registros fotográficos com o uso de celular, além de pesquisas bibliográficas em livros e jornais, foram levantadas, discutidas e analisadas as informações trazidas no texto.

Nesse artigo, por meio das experiências, dos trajetos e das imagens, vamos falar da cidade de Juiz de Fora (MG), com o objetivo de mostrá-la e caracterizá-la de uma forma diferente, por meio de outros horizontes, utilizando um olhar geográfico repleto de pluralismo e subjetividade. Destaca-se que, nessa pesquisa, o leitor encontrará, mesmo que de maneira sutil, uma cidade analisada pelos olhos dos autores, em que serão abordados lugares importantes para a cidade, no que diz respeito à sua história e formação. De memórias anônimas a um lugar construído e frequentado pela população, de uma singela obra de arte a uma grande avenida, falar-se-á da cidade, mas ela tem muito a dizer sobre nós.

A cidade de Juiz de Fora e suas linguagens

Juiz de Fora apresenta uma rica história de formação. Se houvesse uma sinopse, apareceria que esta cidade já foi a capital intelectual de Minas. De picadas, caminhos, estradas e ferrovias, dos Sertões Proibidos do Leste, do Caminho Novo, das sesmarias no início do século XVII, do povoamento e ocupação nas margens do Rio Paraibuna, todas essas descrições fazem parte da formação histórico-geográfica de Juiz de Fora (Fazolatto, 2001).

Localizada no interior do estado de Minas Gerais, mais precisamente na Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora, a cidade de Juiz de Fora ocupa uma posição de destaque no estado mineiro. Quanto às datas históricas, podemos

citar duas importantes marcações: 1701 e 1850. Segundo Oliveira (1975), no ano de 1701, com o decreto da Coroa Portuguesa, foi incumbido à Garcia Rodrigues Paes a abertura do Caminho Novo, e, no ano de 1850, Juiz de Fora foi elevada de povoado à condição de Vila.

Entre datas, acontecimentos e histórias, existe uma que fala da relação do poeta pernambucano, Manuel Bandeira, com a cidade de Juiz de Fora. O ano era 1917, Manuel Bandeira tratava de um problema de saúde numa cidade do Sul de Minas e, durante esse tratamento, o poeta teve a oportunidade de visitar Juiz de Fora, nesse mesmo ano, que, coincidentemente foi o ano de lançamento de seu primeiro livro como artista literário. Essa passagem pela cidade se tornou muito importante na vida dele, pois foi sua primeira estadia após um período numa cidade que só estava por conta do seu tratamento médico. Maximiano de Carvalho Silva (1989) conta que, depois de ficar em Juiz de Fora, Manuel Bandeira resgatou sua simpatia e, conseqüentemente, deixou a cidade ocupar um lugar especial em seu coração. Fato este que se reafirma quando no poema “Mangue”, Bandeira rima “cidade nova” com “linda como Juiz de Fora” (Sahb, 2013).

Demonstrando seu afeto, em “Declaração de amor”, poema do livro Estrela da manhã, de 1936, o poeta fala de Juiz de Fora de forma amorosa, confessando seu carinho pela cidade que marcou em sua vida “momentos de angústias transformados em alegria de viver, mas de maneira aberta, declarada, coisa que não fez nem por Recife, sua terra natal” (Sahb, 2013, p.43),

“Declaração de amor”

Juiz de Fora! Juiz de Fora!

Guardo entre as minhas recordações

Mais amáveis, mais repousantes

Tuas manhãs!

Um fundo de chácara na Rua Direita

Coberto de trapuerabas.

Uma velha jabuticabeira cansada de doçura.

Tuas três horas da tarde...

Tuas noites de cineminha namorisqueiro...

Teu lindo parque senhorial mais segundo-reinado do que a própria

Quinta da Boa vista...

Teus bondes sem pressa dando voltas vadias...

Juiz de Fora! Juiz de Fora!

Tu tão de dentro deste Brasil!

Tão docemente provinciana...

Primeiro sorriso de Minas Gerais!

(Bandeira, 1986l, p.137-138 *apud* Sahb, 2013, p.43-44).

Armando Fernandes de Aguiar, o Mamão, sambista de Juiz de Fora, encantado com este poema e com a forma com que Manuel Bandeira falou da cidade, compôs uma música com a mesma dedicatória. “Sei que jamais/ Hei de esquecer este sorriso/ Pequeno céu/ Um paraíso/ Entre as montanhas de Minas Gerais [...] Juiz de Fora é assim/ Quem não conhece/ Venha ver/ A cada dia/ Uma cidade melhor pra se viver” (Batuqueiro, 2020), música que virou Hino Popular de Juiz de Fora, a partir de um Projeto de Lei (Diário Regional, 2018).

As falas toponímicas sobre Juiz de Fora não se limitaram apenas aos renomados poetas, uma professora do município aposentada, chamada Diva Maria de Mattos Rezende, escreveu para a cidade através do jornal Tribuna de Minas (2019). Em seus versos, há lembranças de cada momento seu com a cidade,

[...]

Bem perto do Mergulhão
Há uma espécie de coração
Que pulsa bem colorido.
Na primavera misturar
Um céu de azul sem par
Com tanto ipê florido

Você poderá ver quão belo
Os ipês rosa e amarelo
Numa mistura de cores
É uma praça bem pequena
Mas, certamente vale a pena
Apreciar o céu de flores

Além da professora e dos poetas, uma outra pessoa que dedicou seu tempo à cidade, sob sua perspectiva experiencial e artística, é o juiz-forano Gerson Guedes, que vem das Minas Gerais, da Zona da Mata, retratando a cidade com toda sua mineiridade e carinho por esse lugar. Pelos desenhos e pinturas, de referências sutis às poesias urbanas, o artista explana Juiz de Fora de uma forma que ultrapassa aquilo que somos capazes de enxergar.

Sobre a cidade de Juiz de Fora (Figura 1), o poeta escreve,

Alguém de algum lugar

Caminho novo,
Pedaço de bom caminho,

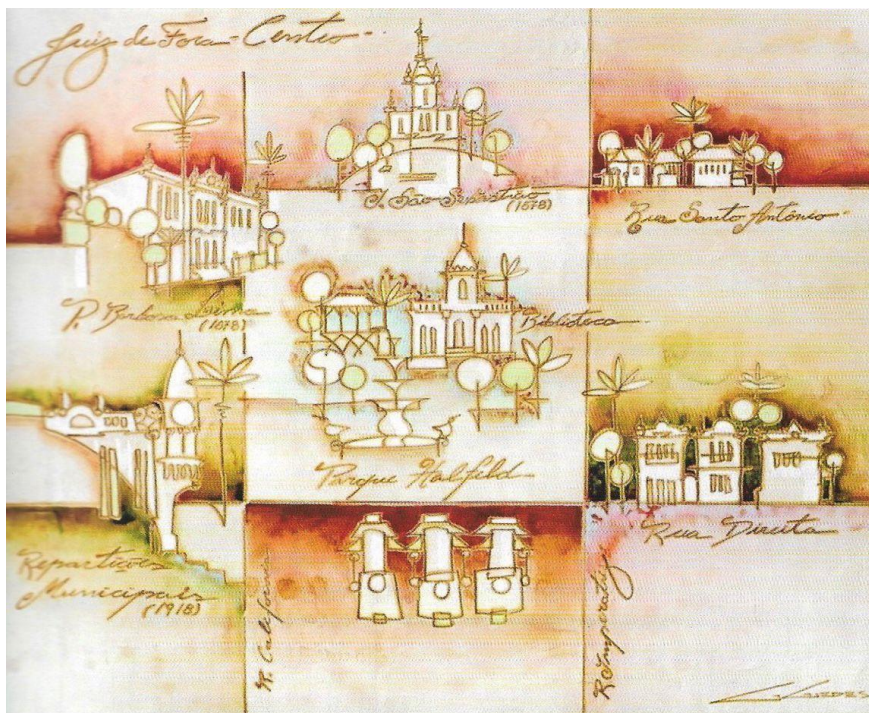
Que se fez vila,
Que se fez cidade.

Urbe — ébria
Produtiva e sonhadora.
Sonhando em alçar novos voos,
Sonhando em lavar seu rio...

Coroa que já foi princesa,
Manchester de chaminés preservadas,
De paredes tombadas.

Cidade que desafia e acolhe
Todo e qualquer viajante
E que a ela se entrega.
E se faz algoz...
Ou eterna amante
(Guedes, 2012, p.120).

Figura 1 – Tela Centro, 120x100 cm.



Fonte: Gerson Guedes (2012).

Uma das ruas mais importantes da cidade, com seu imponente calçamento, também é retratada pelo artista. Fundada em 1853, considerada o coração da cidade, a rua Halfeld corta, em linha reta uma parte da região central da cidade, ligando o Morro do Imperador à avenida Sete de Setembro, passando por importantes avenidas, construções históricas e pelo Rio Paraibuna (Alberto et al, 2016).

Sobre a rua Halfeld (Figura 2 e 3), escreveu,

[...]

Apesar da velocidade
e de tantas mudanças,
a Rua Halfeld, antiga Rua da Califórnia,
assim como o Parque,
ainda são o “coração” e o “pulmão”
da parte central da cidade

Caminhando pelo calçadão,
É possível, com algum esforço,
identificar pontos arquitetônicos isolados
que nos arremessam a outros tempos,
outros carnavais [...]

Halfeld,
Onde todos se veem, onde tudo se vê,
compra-se ouro, vende-se qualquer coisa.
Estátuas humanas, ambulantes, violeiros, D. Marias...
Tipos folclóricos renováveis [...]
(Guedes, 2012, p. 96-97).

Figura 2 – Tela Calçadão, 140x70 cm.



Fonte: Gerson Guedes (2012).

Figura 3 – Tela Parque Halfeld, 120x70 cm



Fonte: Gerson Guedes (2012).

Quando fala do Rio Paraíba, Guedes (2012) discorre,

[...]

Parahybuna

serpente barrenta e silenciosa

engolindo cidades/ cachoeiras, hidrelétricas...

Teares progresso...Condenação

Paraibuna

se margens acolhedoras

onde, aos sábados, prostitutas se esmeram

e aos domingos uma feira etílica se acotovela

vendendo cacos e almas” (p. 110).

Sobre a principal avenida da cidade, Avenida Barão do Rio Branco, o artista apresenta (Figura 4),

Casarões, torres, frontões, jardins, jalões, escolas, bares, farmácias, bondes, lotações...Pouco restou da variedade arquitetônica e dos hábitos bucólicos que diferenciavam a antiga Rua Direita de outros lugares. Contudo, a Barão da Rio Branco ainda pulsa e encanta, com seu traçado, suas cores, sua gente (Guedes, 2012, p.70).

Figura 4 – Avenida Rio Branco, 120x80 cm



Fonte: Gerson Guedes (2012).

Gerson Guedes se manifesta, tanto na escrita quanto na pintura, retratando locais significativos da cidade e evidenciando seu profundo conhecimento e afeto por Juiz de Fora. No primeiro poema, traz fatos ligados a formação da cidade e até escreve sobre seu caráter acolhedor. Ao escrever sobre a Halfeld, Guedes adota um estilo descritivo tanto na escrita quanto na pintura. Ele detalha o rio que atravessa a cidade, mencionando seu formato sinuoso, sua coloração, sua energia e as atividades que ocorrem em suas margens. Além disso, descreve Avenida Barão do Rio Branco, com suas características arquitetônicas – casarões, jardins, torres, escolas, bares etc.

O artista também descreve em suas obras o Cine-Theatro Central, a Hidrelétrica de Marmelos, a Igreja da Glória, a Estação Central, o Clube Juiz de Fora, entre outros locais marcantes. Em seus trabalhos, ele captura experiências, trajetos, imagens, recordações e memórias desses lugares, oferecendo diversas formas de compreender a cidade.

Essas narrativas nos levam à Juiz de Fora, seja pelo poeta e crítico literário Manuel Bandeira, pela professora aposentada Diva Maria, ou pelo artista que observa a cidade em sua essência. O que havia nessa cidade que devolveu a alegria e simpatia ao poeta conhecido por sua escrita melancólica? Como seria lindo contemplar os ipês coloridos sob um céu azul? Será que os traços do artista refletem a cidade que idealizamos? São questões cujas respostas são complicadas de encontrar. Não se trata de "ver para crer", mas poderíamos afirmar que é "viver para crer", já que a experiência vivida na cidade poderia oferecer mais clareza na busca por essas respostas.

Se fosse para convidar alguém a conhecer a cidade, as histórias, poemas e imagens mencionadas poderiam fazer parte do convite, como um tipo de cartão

postal. Além disso, haveria inúmeros lugares a destacar para convencer alguém a visitar Juiz de Fora. Uma pessoa poderia justificar sua escolha ao falar de uma rua, um parque, um bar, restaurante ou bairro; outra escolheria diferentes pontos, trajetos ou imagens, mas ambas compartilhariam o mesmo objetivo: apresentar a cidade a outra pessoa.

Porém, não seria viável reunir todas as histórias, todos os caminhos e todas as imagens da cidade. Entretanto, existem histórias mais conhecidas, como a da primeira hidrelétrica da América do Sul, os relatos dos viajantes que cruzavam a cidade, as histórias dos casarões, a visita de D. Pedro a Juiz de Fora, as enchentes do rio, entre outras. Existem trajetos mais famosos, como o triângulo central formado pelas avenidas Getúlio Vargas, Itamar Franco e Barão do Rio Branco, os "labirintos" das galerias, a avenida Brasil e Garcia Rodrigues Paes – Acesso Norte – que margeiam o rio Paraibuna, entre outros. Também há imagens icônicas, como o mirante do Morro do Cristo, a torre da Estação Central, o Cine-Theatro, o Paço Municipal, e o painel restaurado de Cândido Portinari na avenida Rio Branco etc. (Figura 5).

Figura 5 – Imagens de Juiz de Fora



Foto 1: Mirante do Morro do Cristo; Foto 2: Torre da estação central; Foto 3: Cine-Theatro Central; Foto 4: Paço Municipal; Foto 5: Painel do Cândido Portinari. Fonte: Gustavo Amaral, 2021.

A Estação Ferroviária Central desvia o olhar de quem passa pela Avenida Francisco Bernardino, chama atenção de quem atravessa a linha férrea, que liga essa avenida a avenida Brasil, e vira alvo de fotografia de quem ocupa a Praça Dr.

João Penido, popularmente conhecida como Praça da Estação. Em Juiz de Fora, esse ponto carrega muitas histórias e memórias, daqueles que chegam e daqueles que partem, por essas e outras razões aparece em quadros e em antigos cartões postais (Figuras 6).

Figura 6 – Quadro da Estação Ferroviária Central exposto na feira livre da Av. Brasil



Fonte: Gustavo Amaral, 2022.

Ao trazer a imponente obra de Portinari, destaca-se sua forma de conexão direta com o povo, ultrapassando as barreiras da arte (em exposição) e cumprindo o que o pintor chamava de a função social dessa própria arte. Muitas de suas obras estão presentes em monumentos e edifícios públicos, onde ocorre uma fusão entre arquitetura e pintura. É a cidade imaginária que convida a um passeio por territórios fantásticos (Dantas, 2022). Em Juiz de Fora, depara-se com os painéis “As quatro estações” e “Cavalos” no edifício modernista Clube Juiz de Fora — outra importante imagem da cidade —, localizado na esquina da Avenida Barão do Rio Branco com a rua Halfeld (Figura 7).

Figura 7 – Edifício Clube Juiz de Fora com o painel “As quatro estações”, no hall, e o mosaico com tema “Cavalos”, em sua fachada



Fonte: Gustavo Amaral, 2021.

O Cine-Theatro Central, em frente à Praça João Pessoa — um ponto de alargamento da rua Halfeld — é uma obra arquitetônica da cidade. Obra que ainda se impunha ares europeus, quando em 30 de março de 1929, inaugurava o teatro, em uma Belle Époque mineira, cabendo a companhia construtora Pantaleone Arcuri e ao pintor italiano Ângelo Bigi elevarem à cena juizforana o tão charmoso “Central”, hoje tombado pelo Iphan (Theatro Central, 2014-2018). Um charme que lhe cabe a sua ornamentação artística, à localização, às apresentações e shows, e em suas representações em obras de arte, como na pintura de Carlos Brancher, realizada no meio do calçadão da rua Halfeld, em setembro de 2022. (Figura 8).

Figura 8 – Cine-Theatro Central pelas mãos de Carlos Bracher, pintor e escultor brasileiro



Fonte: Gustavo Amaral, 2022.

A cada passo dado, de forma calma e tranquila, é possível apreciar a paisagem ao redor e fazer uma viagem no tempo, observando os edifícios de séculos passados, as fachadas em estilo Art Déco — estilo artístico homônimo que surgiu na Europa nos anos 1920 —, antigas propagandas nas paredes do teatro, o pulsante comércio que se mantém no tempo, as ocupações nos espaços públicos, entre outros. Para além desse punhado de experiência, vale observar atento à cidade pelas praças do centro, observar o fluxo de pessoas, parar nas esquinas e olhar os encontros das ruas, admirar os passos rápidos dos atrasados e o andar lento dos que não tem pressa (Figura 9).

Figura 9 – O movimento da cidade observado do início do calçada da rua Halfeld



Fonte: Gustavo Amaral, 2021.

Podemos observar que o próprio cotidiano e suas relações com os lugares da cidade, as ruas, as praças, as histórias e memórias, as imagens, são fundamentais para a elaboração e criação das experiências urbanas. Nesse aspecto, a cidade funciona como um museu a céu aberto, torna-se um lugar atrativo e leve, criando espaços mais afetuosos, logo, felizes. Vivenciar a cidade pode ser posto como um estudo prático e teórico.

Considerações Finais

A cidade de Juiz de Fora foi exposta por aqueles que vivenciaram e a vivenciam diariamente, por aqueles que tentam aprender a partir da própria experiência com o espaço. Como fora mencionado no texto, seria impossível abordar todas as imagens da cidade, ou todos os trajetos, muito menos todas as experiências. Isso ocorre pelo fato de a cidade ser um campo ilimitado de ações, aprendizados, práticas, percepções e vivências.

Ao apresentar a cidade por meio de outras linguagens, o estudo geográfico e urbano se torna prazeroso para quem o faz e para quem o recebe. Esse tipo de análise é capaz de levar até o leitor certos tipos de vínculos com o objeto de estudo. Observar as imagens, fantasiar os trajetos, escutar as histórias e se adentrar nas experiências trazidas faz com que o estudo ultrapasse o papel, ou a tela, e chegue de uma forma íntima ao leitor.

As temáticas urbanas que se utilizam de outras fontes e de outras formas de linguagens são responsáveis pela ampliação dos horizontes teóricos e metodológicos. Ao abordar essa forma de pesquisa, torna-se necessário analisar de maneira profunda e afeiçoada cada cidade, pois elas possuem suas histórias, suas imagens, seus trajetos, e, principalmente, uma ligação particular com cada habitante que a experiência.

Referências

- ALBERTO, K. C. et al. **Arquitetura e urbanismo em Juiz de Fora**. Juiz de Fora, MG: FUNALFA: Ed. UFJF, 2016.
- ARRAIS, T. A. **Seis Modos de Ver a Cidade**. Goiânia: Cânone Editorial, 2017.
- BATUQUEIRO, M. G. Princesinha de Minas, samba de Armando Aguiar Mamão. Youtube, 29 jul. 2020. 3min25s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MG6Vb695420>>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- BESSE, J. O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014).
- BRACHER, Carlos. Sem título. 2022.
- CARTAS a JF: Um poema para Juiz de Fora. Tribuna de Minas, Juiz de Fora, 2 jun. 2019. Cultura. Disponível em: <<https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/02-06-2019/cartas-a-jf-um-poema-para-juiz-de-fora.html>>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- CINE THEATRO CENTRAL. Theatro Central, 2014 – 2018. Disponível em: <https://www.theatrocentral.com.br/origens/>. Acesso em: 28 jan. 2025.
- DA COSTA GOMES, P. C.; BERDOULAY, V. Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 27, n. 2, p. 356-371, 2018.
- DANTAS, M. Portinari para Todos. **MIS Experience**, São Paulo, 2022.
- DARDEL, E. **O homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FAZOLATTO, D. **Juiz de Fora: imagens do passado**. FUNALFA, Juiz de Fora, 2001.
- GUEDES, G. **Juiz de Fora - Vide Urbe**. Juiz de Fora, MG: Gerson Guedes, 2012.
- NOGUEIRA, A. R. B. Geografia e a experiência do mundo. **Geografia**, v. 45, n. 1, p. 9-23, 2020.
- O SAMBA “Princesinha de Minas” é declarado como hino popular de Juiz de Fora. Diário Regional Digital, Juiz de Fora, 26 jul. 2018. Cidade. Disponível em: <<https://diarioregionaldigital.com.br/?p=112900>>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- OLIVEIRA, P. de. **Efemérides Juizforanas**. Ed. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 1975.
- SAHB, R. A. Da melancolia ao erotismo na poesia de Manuel Bandeira. 2013.
- SANTOS, D. **O que é geografia?** Texto inédito, 2007.

TUAN, Y. **Topofilia**: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. 1980.